

ENTREVISTA COM ANTONIO CARLOS GIL¹

QUANDO TER UM PROBLEMA É A SOLUÇÃO

Por Maria Angélica SALES² e Rosa Lídia da SILVA³



Foto feita pelas entrevistadoras, com a anuência do Professor Gil.

O professor Antonio Carlos Gil – Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – é uma referência nacional obrigatória nos estudos de pesquisa científica. Ele é autor, entre outros, do festejado *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*, a obra mais citada no *Google Acadêmico* quando o tema é metodologia científica (mais de 24 mil citações). O livro, lançado em 1987 e hoje na quinta edição, também é o mais importante de seu catálogo na Editora Atlas (atualmente controlada pelo GEN - Grupo Editorial Nacional).

Gil nos recebeu, com muita simpatia e generosidade, em seu ambiente de trabalho, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Na conversa a seguir, ele nos fala sobre as dificuldades e armadilhas na elaboração dos projetos acadêmicos. Vale ressaltar que a entrevista foi originalmente realizada como parte das atividades da disciplina Metodologia do Trabalho Científico, sob a coordenação da professora Doutora Dieli Vesaro Palma (1º semestre de 2015), e precisou ser editada à época. Para não desperdiçar conteúdo tão estimulante e enriquecedor, decidimos compartilhá-lo na íntegra com os leitores de Verbum:

¹ Os editores de *VERBUM* agradecem a gentileza das entrevistadoras e do entrevistado em cederem o conteúdo para publicação em nosso volume 6, número 2.

² Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: angels2006@gmail.com

³ Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: rosalis.sp@gmail.com

Verbum: A ideia de escrever “*Como elaborar projetos de pesquisa*” surgiu de alguma deficiência notada em sala de aula?

Antonio Carlos GIL: Esse livro foi pensado para atender a uma necessidade do mercado na época, que era ensinar os pesquisadores a elaborar projetos. Porque a grande maioria dos livros que havia até então, livros muito interessantes, muito bons e escritos por pessoas de notória competência, era voltada para as grandes questões metodológicas e epistemológicas do conhecimento. Eram livros que, embora de reconhecido valor, não favoreciam a elaboração do trabalho prático. E, com o desenvolvimento de programas de mestrado, além da existência de trabalhos de conclusão de curso em programas de pós-graduação *lato sensu*, surgiu essa necessidade.

Então, procurei elaborar um livro que fizesse exatamente esse formato: um livro que não fosse muito extenso, com menos de 200 páginas e que correspondesse às necessidades dos alunos. Procurei escrever com uma linguagem bastante acessível, evitando terminologias que fossem muito herméticas e correspondendo às necessidades bastante práticas. Claro, sem descuidar do rigor científico.

Verbum: Qual era sua expectativa quando publicou o livro?

Antonio Carlos GIL: *Como elaborar projetos de pesquisa* foi feito com vistas a solucionar um problema que era muito frequente entre os estudantes dos programas de mestrado e também de doutorado, qual seja o de elaborar um projeto de pesquisa. Como é sabido, o produto final de um programa de mestrado ou de doutorado é uma dissertação ou uma tese, e esse produto final, naturalmente, decorre da existência de um plano. Um plano que seja capaz de definir, com clareza e precisão, qual o trabalho a ser desenvolvido ao longo de todo o processo de pesquisa. E esse plano, efetivamente, se consolida num documento, e o documento mais importante é o projeto: é o projeto de pesquisa. Lembro que o projeto não é um documento que envolve simplesmente uma intenção, uma pretensão. Um projeto é um documento comprometido com os meios para o

desenvolvimento da pesquisa. Então, não se trata apenas de elencar as intenções, mas de deixar claro como será desenvolvida a pesquisa.

Então, esse livro, o que procura enfatizar? Primeiramente, a importância da escolha do tema, já que todas as áreas do conhecimento implicam a existência de múltiplos temas, e o tema necessita ser definido, delimitado. Então, essa é a primeira etapa que nós temos a desenvolver: a seleção de um tema de pesquisa.

Verbum: No entanto, selecionar um tema não significa que já é possível propor uma pesquisa. O que é necessário?

Antonio Carlos GIL: Que se formule um problema. Até porque pesquisa é, por definição, um processo que tem como finalidade proporcionar respostas aos problemas que são propostos, mediante a utilização de métodos científicos.

Verbum: Por que a necessidade de se ter um problema adequadamente formulado torna-se outro problema para o pesquisador?

Antonio Carlos GIL: Porque, de modo geral, quando pensamos em problema, nós nos lembramos daquelas coisas que nos causam dor, preocupação, constrangimento, mal-estar. Mas isto é um problema do ponto de vista apenas vulgar. Do ponto de vista científico, isso não é um problema. Problema é tudo aquilo para o qual não foi dada uma solução, para o qual não foi dada uma resposta.

Verbum: É esse, então, o objetivo da pesquisa?

Antonio Carlos GIL: Sim. É dar respostas àqueles problemas significativos que são apresentados. E formular um problema não é coisa simples. Eu poderia dizer, com muita tranquilidade, que é a coisa mais difícil com que se depara alguém num programa de mestrado ou de doutorado. Já houve quem dissesse que a formulação de um problema implica um lampejo de genialidade... Quem não teve um lampejo de genialidade não terá condições de elaborar um problema.

De fato, o problema exige que se tenha muita clareza acerca daquilo que se pretende, e um problema só pode ser efetivamente formulado à medida que nós tenhamos conhecimento do *estado da arte* naquela área do conhecimento. Precisamos ter o conhecimento daquilo que já se produziu. E, quando nós temos o conhecimento daquilo que se produziu, fica mais fácil nós encontrarmos lacunas. E essas lacunas é que darão origem aos nossos problemas.

Verbum: Identificar lacunas, portanto, é outro passo importante no projeto de pesquisa?

Antonio Carlos GIL: Sim. Mas não basta identificar uma lacuna, é preciso que o nosso problema tenha condições de ser pesquisado. Então, ele precisa ser formulado com muita clareza, com precisão, objetividade. E é preciso que o nosso problema seja passível de solução. Nem todos os problemas que nós formulamos podem ser solucionados, até porque, quando estamos desenvolvendo uma pesquisa, nós dependemos de recursos: recursos humanos, materiais, financeiros, que são limitados. Então, é preciso que nós tenhamos muita segurança acerca daquilo que nós poderemos fazer.

Então, diria que um esforço bastante grande deve ser dedicado à formulação do problema. E poderia até mesmo dizer que mais de metade do tempo e das energias consumidas ao longo do programa deverão ser dedicados à formulação do problema.

Verbum: Que tamanho deve ter a descrição do problema?

Antonio Carlos GIL: Um problema se apresenta em algumas linhas, não mais do que isso. Mas, para se chegar a essas linhas, é necessário muito esforço, muita persistência. E, *cá entre nós*, muita perda de noites de sono. Se alguém não perdeu ainda noites de sono, pode ter certeza de que ainda precisa muito para formular um problema de pesquisa.

Após essa visão bem “otimista” do problema de pesquisa, nós podemos dizer que o restante é simplesmente um “passeio”.

Verbum: À medida que se tenha um problema bem formulado, o que se deve fazer?

Antonio Carlos GIL: Especificar os objetivos que nós pretendemos alcançar. Em seguida, teremos que definir quais os meios que nós vamos adotar para chegar àqueles resultados. Então, isso implica a definição de uma metodologia. E essa metodologia exige, primeiramente, que se defina com clareza o delineamento que nós vamos adotar. E há muitos delineamentos possíveis: o delineamento *experimental*, o delineamento *observacional*, o *levantamento de campo*, o *estudo de caso*, e muitos outros.

Então, quando nós definimos esse delineamento, nós vamos especificar aqueles principais elementos que irão integrar o nosso projeto, quais sejam: o *universo de pesquisa*, a *amostra*, tanto o processo de seleção da amostra como a extensão da amostra.

Depois disso, as *técnicas de coleta de dados*, que são múltiplas. Podemos ter *técnicas de observação*, *técnicas de interrogação*; entre as técnicas de interrogação, o questionário, o formulário, a entrevista.

Verbum: E depois de definir a técnica de coleta de dados?

Antonio Carlos GIL: Também temos que definir quais os procedimentos que nós vamos adotar para analisar e interpretar os dados. Existem muitas técnicas, desde técnicas altamente sofisticadas, com tratamento estatístico, que envolvem até mesmo a utilização de *softwares*, e aqueles procedimentos de análise qualitativa, que são muito mais complexos, embora aparentemente mais simples, muitas vezes até perigosos, porque dão a falsa impressão de que fazer pesquisa qualitativa é muito simples, mas não é. É muito mais difícil fazer uma pesquisa qualitativa do que uma pesquisa quantitativa.

Verbum: Quais os passos e cuidados finais?

Antonio Carlos GIL: Após a definição clara dos instrumentos para a análise e interpretação, nós temos que definir como vamos apresentar os resultados. E os resultados de uma pesquisa são apresentados num relatório. O relatório é a parte final da pesquisa, e é algo que é muito desconsiderado pelos estudantes e até mesmo por alguns orientadores, porque dá a impressão de que a redação é mera formalidade. Sim, é uma formalidade, mas muito importante, porque, sem essa formalidade, o que se pesquisou não pode ser publicado.

Lembro até mesmo um livro que tem um título bem sugestivo: *Os Cientistas Precisam Escrever* (Robert Barrass, Editora Edusp). Esse livro foi escrito porque o autor percebeu que muitos cientistas, envolvidos de tal forma com a pesquisa, não dão muita importância à redação. Mas essa redação é de fundamental importância, porque, graças a ela é que os achados científicos poderão ser apresentados.

Logo, é necessário que o relatório se faça de maneira adequada ao conhecimento científico. Tanto que posso até dizer que existe um *estilo* próprio da redação científica, que é um estilo que não se confunde com o estilo literário, com o estilo jornalístico, e com outros estilos. É um estilo bem próprio. É muito importante que se escreva com clareza, com precisão, com concisão.